

LIÇÃO 14 - Sete Argumentos contra a Visão de que a Verdade Consiste nas Aparências

TEXTO DE ARISTÓTELES – Capítulo 5: 1010b 1-1011a 2

“ 369. Quanto à verdade de que nem tudo o que aparece é verdadeiro, os seguintes pontos devem ser levados em consideração: primeiro, que um sentido não é falso em relação ao seu objeto próprio, mas a imaginação não é o mesmo que um sentido.

370. Segundo, que é surpreendente se alguém levantasse a questão se as grandezas contínuas são tão grandes e as cores realmente como aparecem aos que estão distantes ou como aparecem aos que estão próximos, e se as coisas são como aparecem aos que são saudáveis ou aos que estão doentes, e se as coisas pesadas são como aparecem aos fracos ou aos fortes, e se são verdadeiras aquelas coisas que aparecem aos que dormem ou aos que estão acordados. Pois é claro que eles não pensam assim. Portanto, ninguém que estivesse na Líbia, tendo sonhado que estava em Atenas, iria ao Odeão.

371. Além disso, acerca das coisas futuras, como diz Platão, a opinião de um médico e a de uma pessoa ignorante na arte da medicina não têm o mesmo valor quanto a saber se alguém vai sarar ou não.

372. Além disso, no caso dos sentidos, a percepção de um objeto estranho e a de um objeto próprio, ou a de um objeto aparentado e a do objeto do sentido em questão, não têm o mesmo valor. No caso das cores, é a visão, e não o paladar, que julga; e no caso dos sabores, é o paladar, e não a visão, que faz isso.

373. E nenhum desses sentidos jamais afirma ao mesmo tempo, sobre o mesmo sujeito, que ele é simultaneamente assim e não assim. Nem, em outro

momento, experimenta qualquer dificuldade acerca de uma modificação, mas apenas acerca do objeto do qual a modificação é um acidente. Quero dizer, por exemplo, que o mesmo vinho, seja por uma mudança em si mesmo ou no corpo, pode parecer ora doce e ora não doce. Mas a doçura, tal como é quando existe, jamais mudou; sobre ela se está sempre correto, e a própria doçura é necessariamente tal como é.

374. No entanto, todas essas teorias destroem isso, pois, assim como as coisas não terão substância, também não terão necessidade; pois necessário é aquilo que não pode ser de um modo e de outro. Logo, se algo é necessário, não será simultaneamente assim e não assim.

375. E, em geral, se apenas o sensível existe realmente, nada existiria se os seres vivos não existissem; pois não haveria sentidos. Portanto, a posição de que nem os objetos sensíveis nem as percepções sensoriais existiriam é talvez verdadeira, pois estas são modificações de quem sente. Mas que os sujeitos subjacentes que causam a percepção não existam independentemente da percepção é impossível; pois uma percepção não é percepção de si mesma, mas existe algo outro além da percepção que deve ser anterior à percepção. Pois aquilo que causa movimento é naturalmente anterior ao que é movido, e isso não é menos verdadeiro se são termos correlativos.

COMENTÁRIO

692. Aqui ele começa a argumentar dialeticamente contra a opinião de que a verdade equivale às aparências; e quanto a isso faz duas coisas. Primeiro (369:C 718), rejeita essa opinião. Segundo (381:C 718), extrai a conclusão pretendida ("Basta disso").

Quanto à primeira, faz duas coisas. Primeiro, argumenta dialeticamente contra aqueles que sustentavam essa opinião devido a alguma teoria ou dificuldade. Segundo (376:C 708), argumenta contra aqueles que sustentavam essa opinião por insolência ("Há alguns que").

Quanto à primeira parte (369), apresenta sete argumentos. O primeiro deles é o seguinte: foi mostrado (367:C 690) que nem todas as coisas são mutáveis, e "quanto à verdade de que nem tudo o que aparece é verdadeiro", estes pontos devem ser considerados. Primeiro, a causa própria da falsidade não são os sentidos, mas a imaginação, que não é o mesmo que os sentidos. Isto é, a diversidade de juízos sobre objetos sensíveis não é atribuível aos sentidos, mas à imaginação, na qual ocorrem erros sobre as percepções sensoriais devido a algum obstáculo natural. Ora, a imaginação não é o mesmo que a percepção, como se prova no Livro III de *Da Alma*, mas é um movimento produzido como resultado do ato de sentir. Portanto, ao atribuir aos sentidos essa diversidade de juízos pela qual uma pessoa é considerada ter uma percepção falsa de um objeto particular sobre o qual outra tem uma percepção verdadeira, eles não procedem como deveriam. Outra tradução afirma isso melhor, dizendo: "E, primeiro, deve-se entender que um sentido não é falso em relação ao seu objeto próprio", implicando que nenhum sentido se engana sobre seu próprio objeto próprio; por exemplo, a visão não se engana sobre as cores. Disso é evidente que o

juízo que um sentido faz sobre seu objeto sensível próprio é definido, de modo que deve haver alguma verdade definida no mundo.

693. E se alguém levantar a objeção de que o erro às vezes surge até mesmo em relação aos sensíveis próprios, sua resposta é que isso é atribuível não aos sentidos, mas à imaginação; pois quando a imaginação está sujeita a algum tipo de anormalidade, às vezes acontece que o objeto apreendido por um sentido entra na imaginação de uma maneira diferente da que foi apreendida pelo sentido. Isso é evidente, por exemplo, no caso dos loucos, nos quais o órgão da imaginação foi danificado.

694. Segundo, que é (370).

Em seguida, ele apresenta seu segundo argumento, que é o seguinte: é surpreendente que alguns "levantem a questão" ou "fiquem perplexos", como diz outro texto, se as quantidades contínuas são tais como aparecem para aqueles que estão distantes ou para aqueles que estão próximos. Pois é quase evidente por si mesmo que um sentido julga as quantidades que estão próximas como elas realmente são, e aquelas que estão distantes como menores do que são, porque o que parece mais distante parece pequeno, como é provado na ciência da óptica.

695. O mesmo se aplica se alguém levanta a questão se as cores são tais como aparecem para aqueles que estão próximos; pois é evidente que quanto mais longe o poder de um agente se estende quando age, mais imperfeito é seu efeito; pois o fogo aquece as coisas que estão distantes em menor grau do que aquelas que estão próximas. E pela mesma razão, a cor de um corpo sensível perfeito não altera aquela parte do meio transparente que está distante dela tão completamente quanto altera aquela parte que está próxima a ela. Portanto, o julgamento de um sentido sobre cores sensíveis em coisas próximas é mais verdadeiro do que sobre aquelas em coisas distantes.

696. O mesmo também é verdade se alguém pergunta se as coisas são tais como aparecem para aqueles que são saudáveis ou "para aqueles que estão enfermos", isto é, aqueles que estão doentes. Pois as pessoas saudáveis têm órgãos sensoriais bem dispostos e, portanto, as formas das coisas sensíveis são recebidas neles como realmente são; e por esta razão, o julgamento que as pessoas saudáveis fazem sobre os objetos sensíveis é verdadeiro. Mas os órgãos das pessoas doentes não estão propriamente dispostos e, portanto, não são alterados como deveriam pelos objetos sensíveis. Portanto, seu julgamento sobre tais objetos não é verdadeiro. Isso é claro com relação ao paladar; pois quando o órgão do paladar em pessoas doentes se tornou inoperante como resultado da destruição dos humores, coisas que têm um bom gosto parecem insípidas para elas.

697. O mesmo também se aplica à questão se as coisas que têm peso são tão pesadas quanto parecem para aqueles que são fracos ou para aqueles que são fortes; pois é claro que os fortes julgam as coisas pesadas como realmente são. Mas este não é o caso dos fracos, que acham difícil levantar um peso não apenas por causa de sua pesadez (e isso às vezes acontece mesmo com os fortes), mas também por causa da fraqueza de seu poder, de modo que até coisas menos pesadas parecem pesadas para eles.

698. O mesmo novamente se aplica se a questão é levantada se a verdade é tal como aparece para aqueles que estão dormindo ou para aqueles que estão acordados. Pois os sentidos daqueles que estão dormindo estão presos e, assim, seu julgamento sobre as coisas sensíveis não pode ser livre como o julgamento daqueles que estão acordados e cujos sentidos estão desimpedidos. Pois foi apontado acima que seria surpreendente se eles ficassem perplexos, porque parece por suas ações que eles não estão perplexos e que não pensam que todos os julgamentos mencionados acima são igualmente verdadeiros. Pois se alguém na Líbia parece em seus sonhos estar em Atenas, ou se alguém em Paris parece em seus sonhos estar na Hungria, ele não age, quando acorda, da mesma maneira que agiria se percebesse isso quando está acordado. Pois, se ele estivesse acordado em Atenas, ele iria ao Odeão, isto é, um edifício em Atenas; mas ele não faria isso se apenas tivesse sonhado. É claro, então, que ele não pensa que o que lhe aparece quando dorme e o que aparece quando está acordado são igualmente verdadeiros.

699. Podemos argumentar da mesma forma com relação às outras questões mencionadas acima; pois, embora os homens frequentemente levantem questões sobre essas questões, eles não estão, em suas próprias mentes, perplexos sobre elas. Portanto, é claro que sua razão para considerar verdadeiro tudo o que aparece é inválida; pois eles sustentaram essa posição por causa da impossibilidade de decidir qual de várias opiniões é a mais verdadeira, como foi dito acima (353:C 663).

700. Novamente, sobre o futuro (371).

Aqui ele dá seu terceiro argumento. Ele diz que no caso de eventos futuros, como Platão aponta, a opinião de um médico e a de uma pessoa que é ignorante na arte da medicina não são "de igual valor", isto é, igualmente importantes, certas, verdadeiras ou aceitáveis, quanto à possibilidade futura de algum doente ser curado ou não. Pois, enquanto um médico conhece a causa da saúde, isso é desconhecido para alguém que é ignorante na arte da medicina. É claro, então, que a opinião que alguns sustentavam de que todas as opiniões são igualmente verdadeiras é tola.

701. Novamente, no caso (372).

Ele dá seu quarto argumento, que é o seguinte: no caso de objetos sensíveis, o julgamento que um sentido faz sobre algum objeto sensível estranho a ele e aquele que ele faz sobre seu objeto sensível próprio não são de igual "valor", isto é, igualmente verdadeiros e aceitáveis; por exemplo, a visão e o paladar não fazem o mesmo tipo de julgamento sobre cores e sabores, mas no caso das cores, o julgamento da visão deve ser aceito, "e no caso dos sabores", ou gostos, o julgamento do paladar deve ser aceito. Portanto, se a visão julga algo como doce e o paladar julga algo como amargo, o paladar deve ser aceito em vez da visão.

702. E da mesma forma, o julgamento que um sentido faz sobre seu objeto sensível próprio e aquele que ele faz sobre algo semelhante ao seu objeto próprio não são de igual valor. Agora, aquelas coisas que são ditas aqui como sendo semelhantes a objetos sensíveis próprios são chamadas de sensíveis comuns, por exemplo, tamanho, número e assim por diante, sobre os quais um sentido se engana em maior grau do que sobre seu objeto sensível próprio, embora se engane sobre eles em menor grau do que sobre os objetos sensíveis de outro sentido ou sobre coisas que são chamadas de objetos sensíveis acidentais. Portanto, é claramente tolo dizer que todos os

juílgamentos são igualmente verdadeiros.

703. E ninguém (373).

Ele agora dá seu quinto argumento. Ele diz que nenhum sentido afirma, em um único instante de tempo, que uma coisa é simultaneamente tanto assim como não assim. Pois a visão não afirma ao mesmo tempo que algo é branco e não branco, ou que tem dois côvados e não dois côvados, ou que é doce e não doce. Mas, embora o poder de julgamento de um sentido possa parecer, em momentos diferentes, formar juílgamentos opostos sobre a mesma coisa, ainda assim, deste julgamento nunca surge nenhuma dificuldade sobre a modificação sensível em si, mas apenas sobre o sujeito desta modificação. Por exemplo, se tomamos o mesmo sujeito, vinho, às vezes ele parece ao paladar ser doce e às vezes não. Isso acontece ou por causa de alguma mudança no corpo sensitivo, isto é, no órgão, que está infectado por humores amargos, de modo que tudo o que prova não lhe parece doce, ou então por causa de alguma mudança no próprio vinho. Mas o sentido do paladar nunca muda seu julgamento sem julgar a própria doçura como sendo tal como a considerou na coisa doce quando a julgou doce; mas sobre a própria doçura, ele sempre faz uma afirmação verdadeira, e sempre faz isso da mesma maneira. Portanto, se o julgamento de um sentido é verdadeiro, como esses homens afirmavam, segue-se também que a natureza da doçura é necessariamente tal como é; e assim algo será definitivamente verdadeiro na realidade. E também se segue que tanto uma afirmação quanto uma negação nunca podem ser verdadeiras ao mesmo tempo, porque um sentido nunca afirma que algo é tanto doce quanto não doce ao mesmo tempo, como foi dito.

704. No entanto, todas essas (374).

Ele dá o sexto argumento. Ele diz que, assim como todas as teorias ou opiniões mencionadas acima destroem os predicados substanciais, como foi mostrado acima (341:C 625), de maneira semelhante elas destroem todos os predicados necessários. Pois segue-se que nada poderia jamais ser predicado de qualquer outra coisa, nem substancialmente nem necessariamente. Que nada poderia ser predicado de qualquer outra coisa substancialmente é claro pelo que foi dito acima. Que nada poderia ser predicado de qualquer outra coisa necessariamente é provado como se segue. Aquilo é necessário que não pode ser de outra forma do que é; portanto, se tudo o que é pode existir de uma maneira ou de outra, como é sustentado por aqueles que dizem que contraditórios e opiniões opostas são verdadeiros ao mesmo tempo, segue-se que nada é necessário no mundo.

705. E, em geral (375).

Em seguida, ele apresenta o sétimo argumento. Diz que, se tudo o que aparece é verdadeiro, e uma coisa é verdadeira apenas na medida em que aparece aos sentidos, segue-se que uma coisa existe apenas na medida em que é efetivamente percebida pelos sentidos. Mas se algo existe apenas dessa forma, isto é, na medida em que é percebido, então segue-se que nada existiria se os sentidos não existissem; e isso decorreria se não houvesse animais ou seres vivos. Ora, isso é impossível.

706. Pois pode ser verdade que os sensíveis, sob o aspecto de sua sensibilidade, não existam; ou seja, se são considerados sob o aspecto de sensíveis atualizados, não existem separadamente dos sentidos, pois são sensíveis atualizados na medida em que estão presentes em um sentido. E, segundo isso, todo sensível atualizado é uma certa modificação do sujeito senciente, embora isso fosse impossível se não houvesse seres sencientes. Mas é impossível que os objetos sensíveis, que causam essa modificação em um sentido, não existam. Isso se torna claro da seguinte forma: quando algo posterior é removido, não se segue que algo anterior seja removido. Ora, a coisa que produz a modificação em um sentido não é a própria percepção, porque uma percepção não é percepção de si mesma, mas de outra coisa, e esta deve ser naturalmente anterior à percepção, assim como um movente é anterior à coisa movida. Pois a visão não vê a si mesma, mas vê a cor.

707. E mesmo que alguém levantasse a objeção de que um objeto sensível e um sentido são correlativos e, portanto, naturalmente simultâneos, de modo que, quando um é destruído, o outro é destruído, a tese de Aristóteles ainda permanece verdadeira; pois o que é potencialmente sensível não é dito relativo a um sentido porque se refere a um sentido, mas porque o sentido se refere a ele, como é afirmado no Livro V desta obra (496: C 1027). Portanto, é claramente impossível dizer que algumas coisas são verdadeiras porque aparecem aos sentidos; no entanto, é isso que sustentam aqueles que afirmam que todas as aparências são verdadeiras, como fica evidente pelas afirmações anteriores.

Revision #3

Created 7 September 2026 23:41:44 by Admin

Updated 13 September 2026 17:19:06 by Admin